

denominação
Fazenda Glória do Mundo

código
AIV - FO1 - PS

localização
Estrada do Barreiro, s/nº

município
Paraíba do Sul

época de construção
séc. XIX

detalhamento do estado de conservação
no corpo da ficha

uso atual / original
comercial e industrial / fazenda de café

proteção existente / proposta
nenhuma / tombamento

proprietário
particular



situação e ambiência

O Engenho, datado de 1842; a Chaminé, de 1887; e a Gruta artificial, são os marcos originais, remanescentes da Fazenda Glória do Mundo.



49



43



62



76

coordenador / data
equipe
histórico

Domingos Espíndola de Aguiar - nov 2007
Elomir Gumiero de Moraes e Saulo
Fernando Pozzobon

revisão / data
Alberto Taveira - abr 2008

O engenho, implantado paralelo a uma estrada de terra e de um curso d'água, no limite de uma elevação, tem acesso através de via de ligação ao centro do distrito de Werneck. Ostenta dois pavimentos em sua fachada lateral esquerda e um pavimento na fachada lateral direita, estando voltado para o antigo terreiro de café, hoje ocupado por currais e oficina, e para a casa-sede, contemporânea, construída em 1946.

Em seu entorno há antiga casa de tropeiros, residências, arborização, pomar no quintal da casa-sede atual, onde se destaca gruta construída por Chico "Casateiro" (f.49, 62, 65, 66, 73, 75, 116, 119 e 129).



65



66



118



129



300

O engenho existente configura-se com o galpão de dois pavimentos, com estrutura de madeira aparente e paredes de vedação em taipa de mão. Nas empenas do oitão há óculo em losango e seu telhado possui duas águas recoberto por telhas cerâmicas do tipo francesa. Acoplada ao galpão existe chaminé em tijolos, de base quadrada e altura significativa.

O sistema construtivo mantém estrutura em madeira, com frechais, pilares, madres, terças, tesouras e caibros formando uma estrutura coesa, o que permitiu a solidez da construção apesar do estado de degradação em que o engenho se encontra. A pedra está no embasamento, nas paredes de arrimo e da roda d'água; a madeira está presente em todos os elementos estruturais, inclusive nas paredes de pau-a-pique. Parece ser uma estrutura pré-fabricada, como nossas estações de trens (f.2, 16, 17, 21, 33, 49, 75 e 81).

No referencial existente, do antigo engenho, os beirais eram forrados em madeira e arrematados em lambrequins, sendo que os beirais das empenas, em maior balanço, ostentam belas peças torneadas que funcionam como mãos-francesas (f.31, 32, 47, 48, 49, 50, 58, 54, 63, 67, 68, 114, 115 e 116).

Os vãos voltados para o riacho apresentam portas em duas folhas cegas; janelas duplas ou simples, em guilhotina por fora e em duas folhas por dentro, no térreo; e em venezianas por fora e guilhotinas vidradas por dentro, no segundo pavimento, todas em ruínas. Voltadas para a atual casa-sede as portas e janelas mantêm folhas cegas (f. 8, 21, 25, 27, 31, 32, 35, 46, 49, 53, 55, 56, 57, 68, 75 e 79).

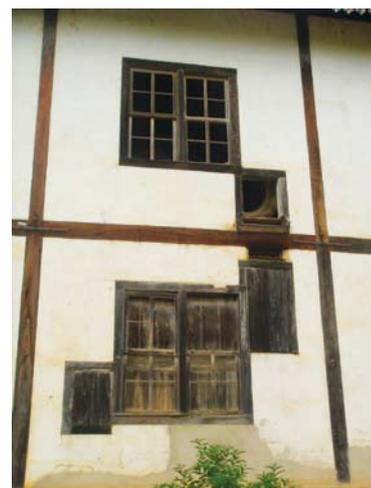
Elementos que se destacam são os remanescente dos lambrequins dos beirais, mãos-francesas e óculos, nas empenas dos exterms. A chaminé em tijolos maciços não deixa de ser, atualmente, um elemento decorativo (f.48, 50, 59, 61, 114 e 115), assim como a cascata artificial ao lado da sede contemporânea (f.53, 55, 57, 68, 129, 132 e 136).



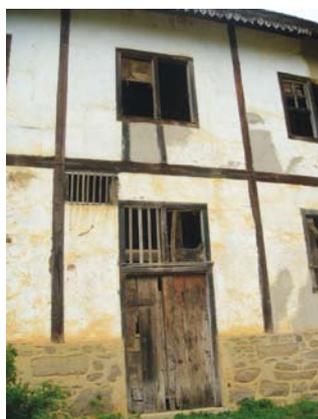
31



50



53



56



60



61



64



67



68



69



75



114



115



116

A fundação é em pedra, terra, cal e areia, mantendo esta mesma conformação nas paredes que servem de arrimo para a fachada lateral direita, que apresenta diferença de nível; e frontal, que recebia a água que movimentava a roda do engenho. Há trincas no embasamento na área voltada para a estrada de terra, existindo manchas de umidade ascendente e descendente, externa e internamente (f.9, 11, 12, 55, 60 e 90).

Algumas paredes de vedação em pau-a-pique apresentam trincas e descolamento de emboço / reboco, deixando à mostra os elementos construtivos. A presença de animais, como morcegos e corujas, intensifica a degradação das paredes, com manchas de fezes próximas à cobertura, externa e internamente. Remendos no emboço, em concreto, agravam a deterioração (f.21, 27, 32, 34, 35, 47, 48, 52 e 63).

Nas duas empenas dos extremos, com o desmoronamento de parte da cobertura, as paredes de pau-a-pique ficaram expostas à umidade descendente, intensificando a degradação dos elementos construtivos como pilares, frechais e madres, interna e externamente. Aliado a isto, o não-uso e a conseqüente falta de manutenção permitiu a propagação de fungos nas paredes de pedra e a proliferação de insetos xilófagos nos pisos de madeira em tábuas corridas (f.18, 30, 34, 48, 49, 58, 97 e 99).

Na estrutura de madeira, externamente, a maioria dos pilares, frechais e madres está em estado regular, pois, não há perda considerável na madeira, bem como nas paredes de vedação, exceto por alguns pontos. Porém, as portas e janelas estão em ruínas, servindo apenas como referencial para possível restauro. Internamente, a estrutura, toda em madeira, está conservada, exceto o piso em madeira degradado (f.2, 16, 30, 32, 49 e 57).



02



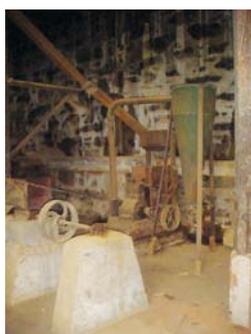
09



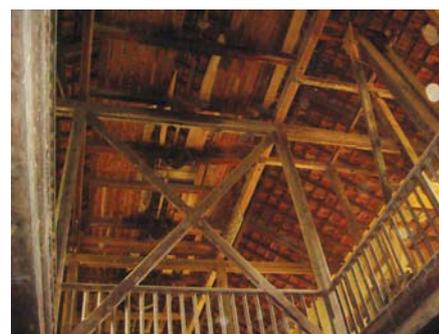
10



11



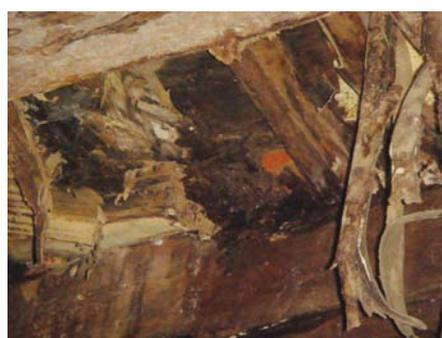
12



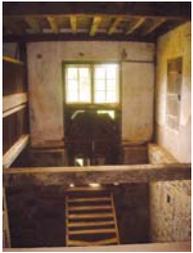
16



17



18



21



27



30



32



34



35



47



48



52



55



57



58



59



63



79



94



96



97



99



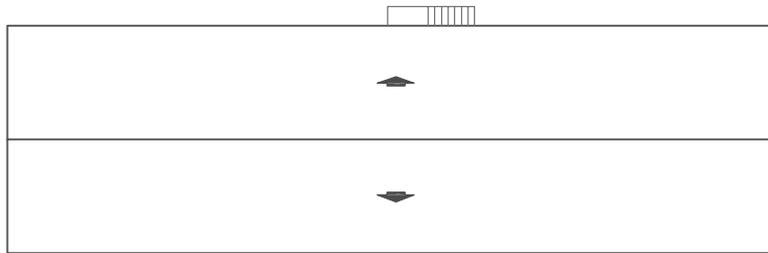
101



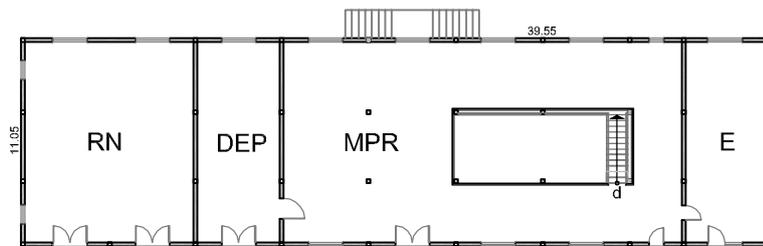
110

Observações:

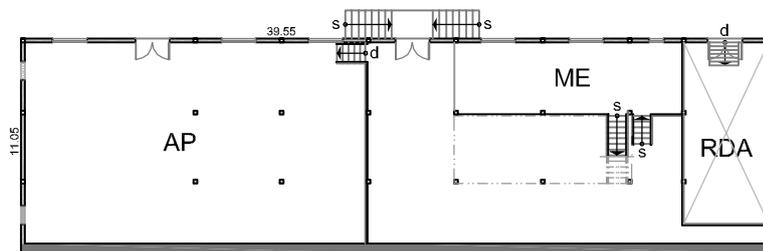
1. A sede da Fazenda foi demolida, tendo sido reconstruída posteriormente, em 1946. Por esta razão, os levantamentos foram direcionados para o engenho, um dos últimos existentes no estado.



3 Planta Baixa do Engenho - Cobertura escala: 1/400



2 Planta Baixa do Engenho - 1o. PAV escala: 1/400



1 **FAZENDA GLÓRIA DO MUNDO**
Planta Baixa do Engenho - Porão/ Térreo escala: 1/400



AP - área de produção E - escritório MPR - matéria prima RN - área arruinada
DEP - depósito ME - mezanino RDA - roda d'água

— alvenaria existente
— alvenaria de pedra existente

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense

AIV - F01 - PS

1/1

equipe:
Domingos E. de Aguiar/ Elomir G. de Moraes/ Saulo R. de Souza

desenhista:
Elomir Gumiero de Moraes

revisão:
Francyla Bousquet

data:
nov 2007

A Fazenda Glória do Mundo foi aberta em terras desmembradas da Fazenda da Várzea. Quem a tornou bem sucedida com o plantio do café e de cana-de-açúcar, além da criação de gado, foi Luis Quirino da Rocha, tentente-coronel que adquiriu a fazenda em 1851.

Luis foi o segundo Barão de Palmeiras, depois de seu pai. Ele casou-se com a filha do fundador da fazenda, o comendador Inácio José de Souza Wernek, iniciando assim a história de uma importante família de Paraíba do Sul, os Rocha Wernek.

Tendo aberto alguns sítios na fazenda, Luis possuía, na metade do século XIX, 250 escravos trabalhando em suas terras. Membro do Partido Conservador, ele ocupou diversos cargos públicos, assim como seus diversos filhos.

Um deles, João Quirino, herdou a Fazenda Glória do Mundo. Foi também o segundo Barão de Palmeiras, a partir de 1882, tendo exercido também diversos cargos públicos, inclusive o de representante do município na Assembléia Estadual. Era um dos fundadores e diretor da Estrada de Ferro Rio das Flores, tendo trabalhado para trazer a ferrovia para sua região. A estação da Linha Auxiliar da Central do Brasil, na época Estrada de Ferro da Companhia Melhoramentos, que corta as terras da fazenda, foi denominada Wernek pelo presidente dessa companhia, Paulo de Frontin.

A fazenda foi vendida, no momento da crise da cafeicultura, para a família Oliveira Pena. Até os dias atuais lá funciona próspera unidade agrícola, com produção diversificada.

Fonte: SILVA, P. G. da. *Capítulos de História de Paraíba do Sul*. Rio de Janeiro, Irmandade Nossa Senhora da Piedade, 1991.